

MAPA DA VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA DELEGACIA DA MULHER DE PIRACICABA NO ANO DE 2019

O Projeto Heroica: Mulheres por inteiro destinou equipe de alunas estagiárias do Direito para coletar dados de boletins de ocorrência, datados de 01 de janeiro de 2019 a 31 de dezembro do mesmo ano, intencionando quantificar casos de violência contra a mulher, protegida pela Lei Maria da Penha, na Cidade de Piracicaba com a intenção de colaborar com o direcionamento de políticas públicas.

A coleta de dados foi destinada à missão precípua de informar, quantitativamente a peculiaridade dos casos e os bairros onde majoritariamente acontecem eventos de violência doméstica, perfil da vítima e do agressor e relação entre boletins de ocorrência, representações e inquéritos policiais, informações entendidas como relevantes para o direcionamento preciso de ações de combate.

Considerando-se que, mesmo com esses dados coletados, a informação mantém-se parcial, vez que nos escapam os casos de violência que não são direcionados à polícia, a saber, os casos em que, através de processo judicial de divórcio, por exemplo, extingue-se a relação onde houve violência, sem atravessar a seara criminal ou, também, pela subnotificação do sistema de saúde, que possibilita que mulheres se apresentem machucadas e vitimadas por seus companheiros em atendimentos médicos, sem que as autoridades policiais sejam informadas.

O formulário preenchido pelas alunas e convertido em dados estatísticos, foi analisado por profissionais, doutoras e mestres em Psicologia, Direito e Economia, portanto, com qualificação técnica para a expedição de conclusões sobre as informações coletadas.

Entre os períodos de março de 2020 e março de 2022, tivemos a interrupção pelo estado pandêmico, o que justifica o atraso na coleta e análise dos dados de apuração dos 1.215 eventos referentes à violência doméstica, sendo 96,4% deles enquadrados pela Lei Maria da Penha.

É importante consignar que, ao final da coleta de dados, tivemos ciência da pesquisa de mestrado da aluna Olivia Fonseca, delegada da Delegacia da Mulher, que apurou dados muito semelhantes no ano anterior de 2018. Ter acesso a esse material de pesquisa foi um grande estímulo para que o projeto liberasse a análise dos dados na esperança de ser possível a comparação entre anos sucessivos e subsequentes.

Pode ser utilizada, ainda, a pesquisa realizada pelo IPPLAP, Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba (PIRACICABA, 2020). O período de análise do Instituto compreendeu os meses de janeiro de 2015 a dezembro de 2019. Nesse período, a Polícia Civil de Piracicaba registrou 31.834 boletins de ocorrência versando sobre violência contra a mulher, sendo que 23.171 foram casos atendidos diretamente pela Delegacia de Defesa da Mulher (72,8% do total) (PIRACICABA, 2020).

No período analisado, foram atendidas 16.125 vítimas e 15.966 autores, totalizando 3.518 boletins de ocorrência, sendo 2.711 de violência doméstica (PIRACICABA, 2020). No quinquênio analisado, os meses de março (9,6%), agosto (8,8%) e setembro (8,7%), foram considerados os de maior incidência de violência contra a mulher.

No que diz respeito à cor da pele da vítima, destaca-se que 70,5% dos boletins de ocorrências foram feitos por mulheres brancas, seguidos de 22,8% de registros feitos por mulheres pardas, 5,8% de registros feitos por mulheres pretas, 0,2% feitos por mulheres amarelas e 0,7% por outras cores não listadas (PIRACICABA, 2020, p. 29).

A equipe do projeto trabalhou com os dados de 2019 para formular a cartilha denominada MAPA DA VIOLÊNCIA EM PIRACICABA.

Simone Seghese

Presidente Projeto Heroica - Mulheres por inteiro



INTRODUÇÃO E PREMISSAS

A mulher estereotipada, marcada, controlada em seu corpo desde a postura, comportamento, fala, forma do movimento, é julgada desde o final do período grego e, talvez, sempre tenha sido mesmo antes disso.

A mulher pública, no começo do século XX é sinônimo de prostituta, sendo o lugar privado o único considerado adequado para a mulher decente.

A mulher vítima de violência sofre punição social pelo sistema patriarcal imposto.

ISSO TEM QUE MUDAR

Para estudarmos o universo social de Piracicaba temos que exercitar o desconstrutivismo para encarar uma realidade muito incômoda e negada.

Piracicaba é uma cidade distante 180 km da Capital São Paulo. A última estimativa fornecida pelo IBGE data de 2021 e contabiliza 410.275 pessoas no Município que abrange uma área de 1.318.069 km².

Foram fichados nesta pesquisa, 1.215 boletins de ocorrência entre janeiro e dezembro de 2019 somente sobre violência doméstica que se enquadram no âmbito da Lei Maria da Penha em 96,4% dos casos, e destes, ainda demanda apuração de quantos viraram inquéritos. Na pesquisa do ano anterior foram relatados 565 boletins de ocorrência de lesão corporal enquadrada na Lei Maria da Penha.

Além do recorte do tipo penal, privilegiamos a análise dos dados referentes ao tipo violência doméstica, a etnia do agressor e vínculo de relacionamento entre agressor e vítima, além dos bairros ou setores da Cidade mais violentos.

A intenção precípua é o direcionamento de ações de combate a violência para as regiões mais afetadas.

O crime de violência sexual teve baixa incidência na coleta de dados e optamos por excluí-lo da pesquisa. Importante salientar que ele não aparece como relevante apenas por ser anotado em outro tipo de formulário, ao qual nossa equipe não teve acesso.

“A lei deve ser a expressão da vontade geral. Todas as cidadãs e cidadãos devem concorrer pessoalmente ou com seus representantes para sua formação; ela deve ser igual para todos. Todas as cidadãs e cidadãos, sendo iguais aos olhos da lei devem ser igualmente admitidos a todas as dignidades, postos e empregos públicos, segundo as suas capacidades e sem outra distinção a não ser suas virtudes e seus talentos”. Artigo 6°. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, de Olympe de Gouges.

DA VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA

O ciclo da violência explica os dados colhidos na pesquisa de forma a serem quadros que evoluem ao longo da história do relacionamento. Normalmente as agressões são iniciadas de forma verbal, sob a característica de subjuço, controle, e em um segundo momento evolui para violência física. Nesse sentido, fica compreensível a medição colhida de 76.9% serem referentes à violência psicológica, 42.9% física, 40.4% moral e 6% patrimonial.

É possível concluir que, de 100% dos casos, coexistam violência psicológica, física e patrimonial nas seguintes porcentagens: 76.9% de violência psicológica, 42.9% evoluem para a violência física e em 6% dos casos as vítimas entenderam que houve violência patrimonial.

SOBRE A CARACTERÍSTICA DO AGRESSOR

Angela Davis denunciou que o homem negro sofre preconceito e é injustiçado em relação à sua real participação em eventos criminosos.

Nossa pesquisa vem de encontro a essa afirmação apontando que apenas em 28% dos casos o agressor foi qualificado como negro e, se somados com os declarados pardos, chegam a menos da metade dos agressores de 2019.

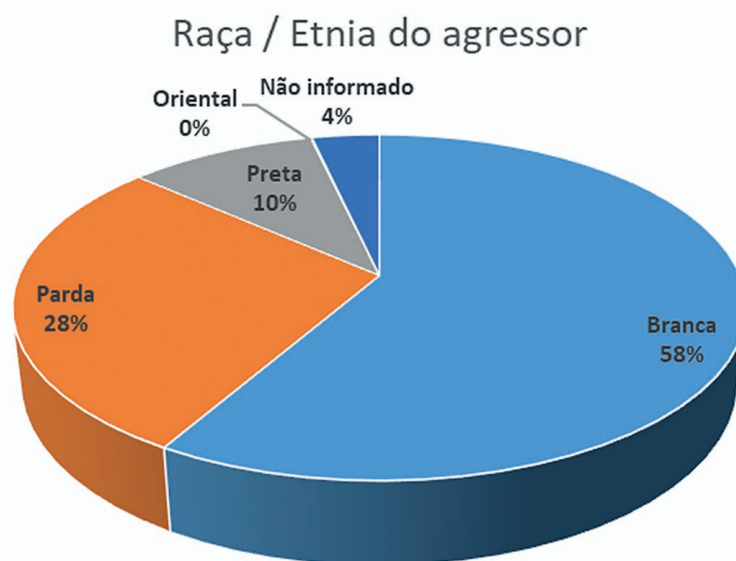
Importante observar que na pesquisa do ano de 2018, também o homem negro não figurou como maior agressor.

O último censo municipal feito pelo IBGE em 2010, não procedeu à apuração da raça predominante nos habitantes do município, porém, em uma reportagem de 2019 (carta capital 30.05.2019 <https://www.cartacapital.com.br/blogs/guia-negro/piracicaba-cria-rota-que-conta-historia-da-presenca-negra-na-cidade/>), o historiador Adriano Antonio da Costa, em um trabalho sobre as referências negras em Piracicaba para o desenvolvimento da Rota Negra, afirma que 40% de nossa população é negra, portanto, inferior à branca e reforçando nossa análise sobre o estigma do homem negro agressor.

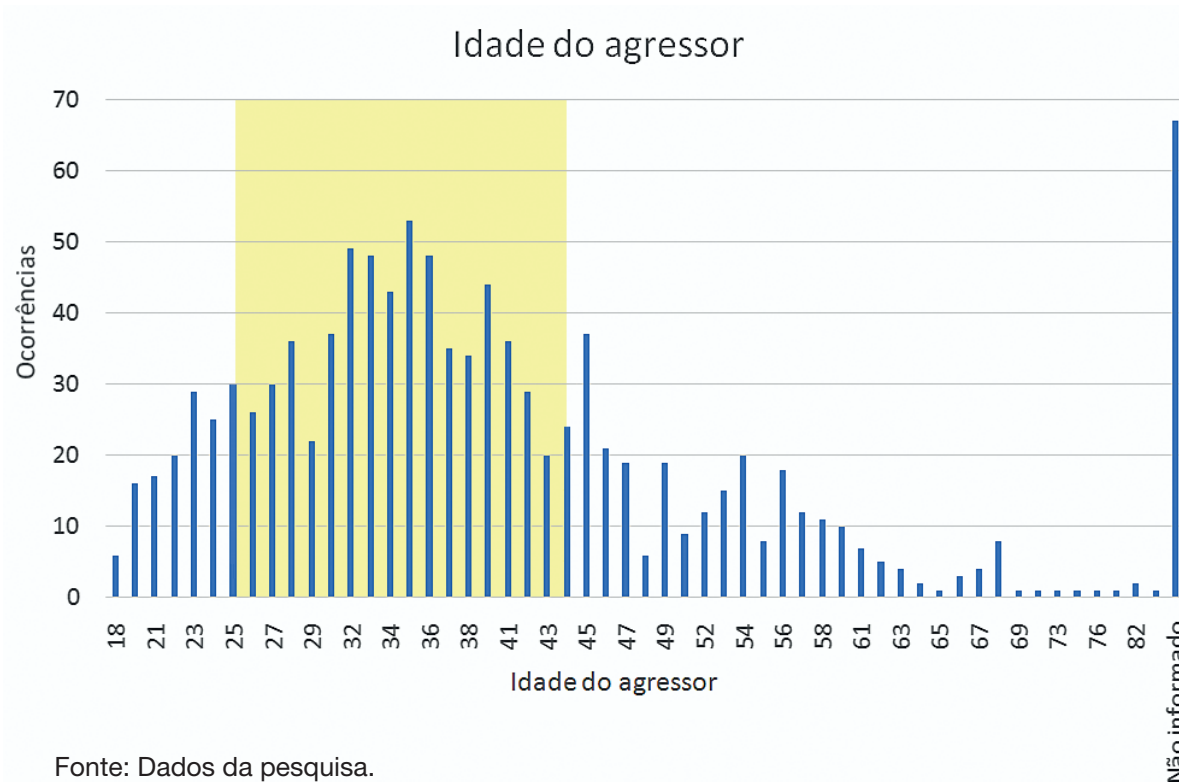
“A cidade de cerca de 400 mil habitantes possui 40% da população se declarando de cor preta ou parda...”

Os dados da pesquisa 2019 apontam que 58% dos agressores foram declarados como homens brancos.

Fonte: Dados da pesquisa.



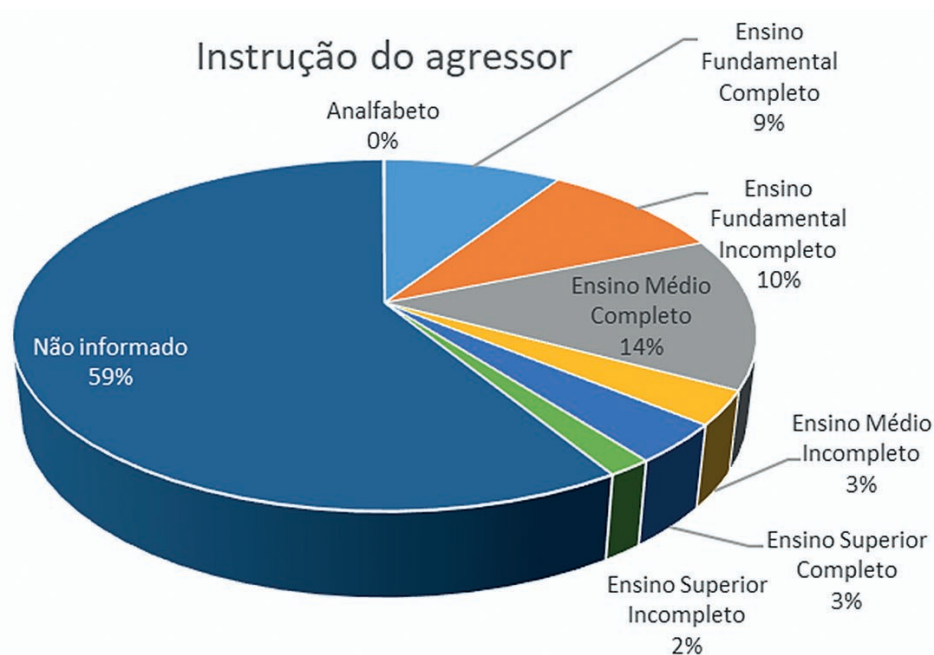
Outra informação interessante tem relação à idade dos agressores, vejamos o gráfico:



O homem, residente em Piracicaba, entre 25 e 44 anos de idade, figura entre a faixa etária de maior incidência de violência doméstica. Em 19,34 % dos casos o agressor tem entre 20 e 30 anos.

Entender a faixa etária pode auxiliar no direcionamento de campanhas de conscientização próprias, como as ações que diversos grupos do Ministério Público Nacional têm desenvolvido, como os Grupos Reflexivos padronizados pela Escola da Magistratura do Rio de Janeiro.

Quanto ao grau de instrução do agressor:



Fonte: Dados da pesquisa.

TIPO DE RELACIONAMENTO ENTRE A VÍTIMA E O AGRESSOR

Em mais de 55% dos casos o agressor teve, em algum momento, um relacionamento amoroso¹ com a vítima e esse número não é surpreendente se levarmos em consideração que a pesquisa foi feita apenas sobre os casos de violência doméstica. E em 29% são casos em que os agressores possuem algum grau de parentesco ou laço similar com a vítima.

A ligação entre o relacionamento amoroso e o crime é que é o ponto de indagação mais contundente entre o sistema patriarcal e a violência contra a mulher.

O ano de 2022 registrou muitos crimes midiáticos contra a mulher no Município e faz-se obrigatório um paralelo entre a evolução social e profissional da condição da mulher com a perda do controle do homem e a consequente violência.

Hannah Arendt, filósofa e pesquisadora do tema da violência, afirma que a perda do controle gera episódios de violência e, justamente, esse movimento das mulheres pela autonomia e independência seja um desencadeador. (SOBRE A VIOLÊNCIA)

Talvez a mulher já não se submeta tanto quanto antes, talvez ouse mais sair de relacionamentos abusivos, talvez já perceba sua capacidade autônoma e, a partir disso, haja mais eventos violentos relativos à perda do controle e poder.

A Cidade desenvolvida abandona a cultura interiorana e passa a aceitar e acolher a mulher separada, então, todos esses fatores juntos podem fazer de Piracicaba uma Cidade onde a mulher se sente mais encorajada a rompimentos e, conseqüentemente, mais vítima de violência doméstica.

Embora a dependência econômica seja um elemento frequente na manutenção de relacionamentos tóxicos, a pesquisa apontou que, pelo menos 70% das vítimas possuem algum tipo de renda própria.

Ainda, de acordo com os dados foi possível inferir que das 1.215 vítimas da pesquisa, cerca de 10% (118) ou não possuíam fonte própria de rendimento, ou seja, estando entre as categorias: "Desempregada", "Do lar" e "Estudante".

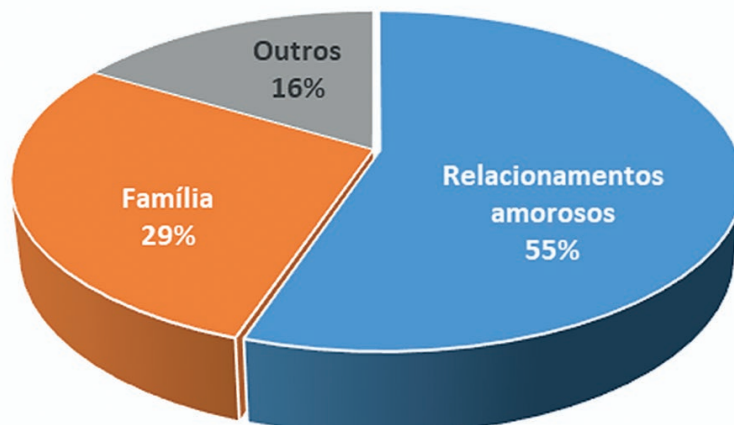
Há ainda de se destacar que 21%(258) dos BOs não possuíam informação sobre a situação de emprego das vítimas.

O momento em que a mulher se desvincula, faz o movimento de saída daquela relação propondo a ruptura, é o momento mais comum de explosão de práticas violentas de posse e apropriação do corpo da mulher como objeto (Saffioti).

Como os dados são sobre violência doméstica, por óbvio classifica o agressor como um parceiro amoroso ou como um membro da família, em 84% dos casos registrados pela DDM de Piracicaba. O que é bastante interessante é que a porcentagem é também, muito alta quando quando nos baseamos em pesquisas sobre o feminicídio, ou seja, entre os cadáveres femininos, 30,4% dos casos ocorreram dentro do domicílio da vítima e mais de 50% dos casos os agressores eram parentes ou tinham alguma relação amorosa com a vítima. Mapa da Violência 2015 (Cebela/Flacso).

1 Entre: amante, companheiro(a), esposa, namorado(a), envolvimento amoroso, marido, ex-companheiro(a), ex-esposa, ex-marido, ex-namorado(a), ex-mulher, ex-noivo(a).

Vínculo com a vítima

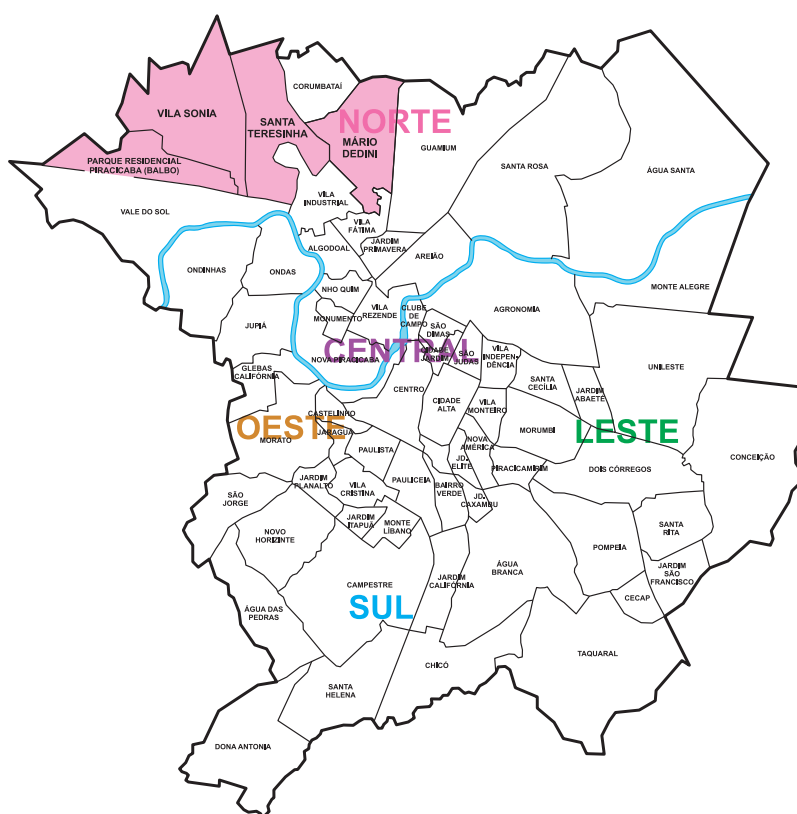


Fonte: Dados da pesquisa.

Pelas informações catalogadas pela pesquisa também temos que, dos agressores que são de relacionamentos amorosos com a vítima, 51% são homens, e apenas 4% são mulheres. Do total dos agressores(as), apenas 7% (80) são mulheres.

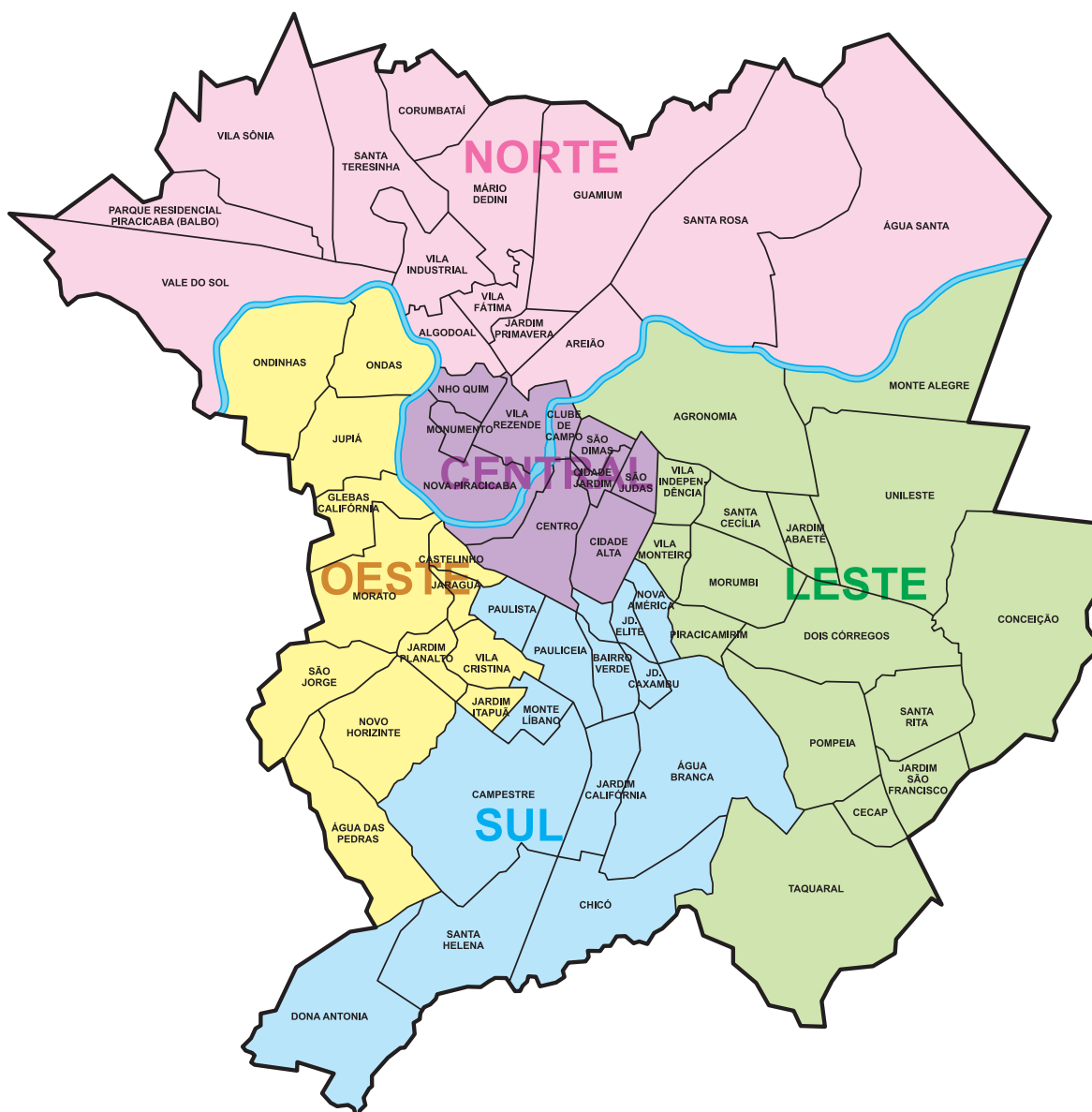
OS BAIRROS MAIS VIOLENTOS DE PIRACICABA

Podemos afirmar, com base nos dados colhidos, que a região noroeste de Piracicaba é a parte onde aconteceram mais crimes dessa natureza e abrange os bairros de Santa Terezinha, Mário Dedini, Vila Sônia e Parque Residencial Piracicaba (Balbo).



BAIRROS DAS VÍTIMAS

A quase totalidade das vítimas é de Piracicaba, mas 4 BOs foram registrados em outras cidades: São Pedro (1), Sorocaba (1) e Saltinho (2).



Bairro	Ocorrências	Região	%
Santa Terezinha	95		8%
Mário Dedini	78		6%
Vila Sônia	70		6%
Vila Cristina	66		5%
Centro	56		5%
Água Branca	51		4%
Cidade Alta	40		3%
Pauliceia	39		3%
Paulista	39		3%
Piracicamirim	38		3%
Jardim Planalto	36		3%

Bairro	Ocorrências	Região	%
Novo Horizonte	34		3%
Monte Líbano	33		3%
Pompeia	32		3%
Vila Independência	29		2%
Campestre	25		2%
Algadoal	24		2%
Parque Piracicaba	24		2%
Morumbi	23		2%
Nova América	23		2%
Outros	364		30%

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A violência contra a mulher é proferida apenas por ela ser mulher. A história de desigualdade que permeia os gêneros demanda uma nova construção social, um novo desenho que garanta a participação de todos.

Nesse sentido, políticas públicas são imprescindíveis para que o Município altere esses números. Tais políticas vêm sendo implantadas por sucessivos agentes públicos, o que torna Piracicaba uma referência nos instrumentos de combate à Violência contra a Mulher como um todo. No entanto, é preciso mais do que já tem sido feito. Vivemos uma enorme e crescente pandemia e faz-se necessária ação imediata, crescente e direcionada.

O intuito é a colaboração. Todo o sistema social deve agir e participar para a eliminação gradual da discriminação sexual e paulatina fixação da igualdade entre homens e mulheres.

Insta, portanto, firmar programações baseadas nos levantamentos referentes ao agressor, à vítima e ao local de ocorrência.

Escolas, centros comunitários e religiosos, associações dos bairros que aparecem na estatística como de maior incidência devem ter atendimento prioritário.

Estudiosos do mundo todo preocupados com essa questão, trabalham com algumas prioridades e a sugestão seria a de usá-las como parâmetro:

1. Realizar ações preventivas que fortaleçam a autonomia das mulheres e seus direitos sobre o próprio corpo, sobre sua atividade produtiva e expressão social e sexual;
2. Incluir o recorte de gênero e temas de questionamento das imposições social sobre homens e mulheres em escolas, desde a formação infantil;
3. Capacitação de profissionais para atendimento especializado dentro de escolas, postos de saúde, delegacias de polícia, tribunais e outros organismos relacionados ao atendimento da vítima para que se estimule a denúncia e a plena recuperação da vítima, inclusive referente ao atendimento aos filhos e ao estímulo ao trabalho e renda;
4. Formação de Grupos de Atendimento aos homens agressores de forma obrigatória e vinculada ao cumprimento da pena;
5. Campanhas municipais com exposição de cartazes em locais públicos, como terminal de ônibus, farmácias, mercados, igrejas e treinamento de agentes para dar o efetivo direcionamento frente a um caso de denúncia;
6. Investimento em equipe para atendimento na Delegacia da Mulher de Piracicaba;
7. Divulgação da existência da sala Lilás de atendimento da Mulher nas delegacias.
8. Criação de uma vara judicial exclusiva para o trato com a matéria.

EQUIPE REALIZADORA

Coordenadoras do Projeto:

Simone Seghese (Advogada)

Natalie Destro (Advogada)



Responsável pela análise dos dados:

Graziela Correr (Bacharel em Ciências Econômicas)

Estagiárias participantes da coleta dos dados:

AlcianaWelder

Anne Caroline Jacy

Barbara Raissa Rodrigues

Carla Carolina Mota Acunha

Eduarda Moretti

GabriellyPorsebos

Isabely Letícia Barbosa

Isadora Longhini

Jhovana F. N. Manoel

Larissa F. Botega

Larissa Moraes de Oliveira Amaral

Laura A. Carboni

Letícia Maemoni

Letícia Ribeiro Theobaldino

Lylian Oliveira

Maria Eduarda O. Calderon

Mayara Schmidt

Nathália Suellen Stinchelle

Rainah K. Enoki Senatore

Tayla Eugênio Bento

Estagiárias participantes da coleta dos dados com maiores colaborações:

Jhovana F. N. Manoel e Rainah K. Enoki Senatore